

## OUVINDO A VARIAÇÃO, ENXERGANDO A PESSOA.

MARIANA SILVEIRA RAVAZA<sup>1</sup>; GUSTAVO BLUHM E SILVA<sup>2</sup>;  
JOÃO LUÍS PEREIRA OURIQUE<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [marianaravaza@gmail.com](mailto:marianaravaza@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [gustavo.bluhm.silva@hotmail.com](mailto:gustavo.bluhm.silva@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [jlourique@yahoo.com.br](mailto:jlourique@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Na pesquisa para entender os déficits educacionais de língua portuguesa desses alunos, encontramos, em um grande consenso, que a leitura e interpretação eram as maiores dificuldades, os estudantes demonstram níveis rasos de entendimento do texto, subtraem as informações mais pulsantes ali contidas, não entendem os sentimentos e os sentidos subentendidos que carregam as composições, por exemplo, em textos literários. Seria a linguagem o obstáculo maior para isso? E a razão para isso seria que as crianças e pré-adolescentes não tem a capacidade de estimar variedades linguísticas diferentes das deles, sejam variedades mais cultas, como variedades regionais e variedades de épocas diferentes?

Tendo essas percepções e aspirações, buscamos propor um projeto que provesse isso ao oferecer um ensino reflexivo sobre as práticas de uso da língua nas suas interações reais e, ainda, o conhecimento e o respeito aos demais usos de linguagem, principalmente aqueles diferentes das praticadas, habitualmente, pelos alunos, por isso a Variação Linguística como tema, formulando as aulas em torno de textos com situações reais para que o projeto possa levá-los, além do conhecimento desse fenômeno, à prática dessas duas atividades da língua – leitura e escrita- de modo reflexivo.

A Base Nacional Comum Curricular (2018) na apresentação das práticas de linguagem da Língua Portuguesa, no eixo de Análise Linguística/Semiótica, defende o ensino da Variação e o debate sobre a valorização e estigma que certas variedades têm sobre outras:

“Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado.” P.81

O documento ampara essa atividade em diversas passagens, desde as habilidades nas práticas de linguagem de cada campo de atuação, até de modo geral, quando enumera dez competências de língua portuguesa para o ensino fundamental e a variação aparece dentre eles: “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.” (ibid., p.87)

Por isso, a dinâmica das aulas deu-se em torno de textos reais de comunicação humana. Para os autores, parte dos pressupostos sobre o conceito de uma boa aula

de língua materna, uma aula moderna e relevante aos estudantes, considera o texto como elemento central por teóricos, como Antunes (2003), que assume, em seu livro *Aula de português*, a “concepção interacionista, funcional e discursiva da língua, da qual deriva o princípio geral de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos.” (P. 42) Concluindo a autora com: “Por isso é que só os textos podem constituir o objeto relevante de estudo da língua”. (p.44)

Conforme o cenário atual da pandemia mundial, para a saúde e bem-estar de todos, os materiais e aulas foram disponibilizadas de forma impressa semanalmente para que os alunos levem para casa, realizem as atividades propostas e os devolvam na escola para a correção.

## 2. METODOLOGIA

O ensino sobre a variação linguística em sala de aula exige do professor, principalmente o de língua materna, entender a diversidade linguística e seus mecanismos no processo educacional. Primeiramente, entender que a língua não é homogênea, ou seja, há variações dentro dela falada pelos falantes e isso acontece por diversos fatores, tudo para haver uma comunicação mais efetiva. Com isso, devemos entender que as diferenças não devem ser vistas como erro, algo que é forte no espaço escolar e em lugares onde o preconceito linguístico é muito presente. Bagno (2002) nos diz que:

“[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos” (BAGNO, 2002, p. 134).

Para o autor, a escola deve e precisa abrir mais oportunidade para todas as manifestações linguísticas, e não se recusar, como fez por muito tempo, a reconhecer essa realidade tangível de variação. A importância dos estudos da heterogeneidade da língua na escola e a responsabilidade de nós professores de transmitir esse conhecimento, visto que o ensino da norma culta há inúmeros defensores, os quais defendem o ensino da gramática normativa com o intuito de fazer os alunos “escreverem melhor”.

“É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão.” (BAGNO, 2007, p.18)

Com essa afirmativa, a escola deve ter como ponto de partida as variedades linguísticas que os alunos utilizam, incluindo seus contextos sociais. Conforme seja feito esse estudo e inclusão, estaríamos amenizando um dos problemas dos estudos da língua materna, a variação linguística, o que interfere nas relações não só em sala de aula, como as de fora do contexto escolar, e também na qualidade de ensino e saber, o qual deve proporcionar um ambiente rico em aprendizagem significativa aos seus alunos.

É no ambiente escolar que se deve fazer os discentes possuírem essa consciência de diversidade, levando para eles exemplos da pluralidade da língua, evidenciando a linguagem popular. Propor atividades práticas com a língua, apresentar recursos de comunicação e mais importante, deixar claro que não há uma forma correta de falar.

O professor tem que estar ciente de que é de extrema importância que seu trabalho seja lidar com as variações linguísticas e o preconceito linguístico, pois é de suma importância que a escola seja um lugar que evite a discriminação e não consinta à disseminação de preconceitos. Segundo Bagno (2009):

“O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é invisível, no sentido de que quase ninguém fala dele [...] pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, dirá a sua gravidade como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo.”

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Chegando ao fim das atividades propostas ao longo do projeto, aprendemos, refletimos e entendemos muitas coisas além do que havíamos previsto. Desde a elaboração do projeto, ao colocar no papel todas as ideias, até sua finalização.

Em relação à aplicação do projeto, na minha opinião deixou a desejar. A escola não nos possibilitou contato com os alunos, com a escola diretamente, sem contar que as aulas foram todas pensadas para a realização delas de forma online, ou seja, através de plataformas digitais com vídeo, como por exemplo o Meet. Porém, o que nos foi passado na verdade foi para que aplicássemos o projeto num “estilo carta”, com materiais impressos. Além de sintetizarmos boa parte do conteúdo, já que a escrita impede certos entendimentos diferentemente da fala, a escola por mais que nos cobrasse os encontros dessa maneira, não possuía materiais impressos suficientes para todos os alunos, o que acarretou também num número menor de retornos.

Mesmo enfrentando algumas dificuldades, o projeto foi muito bem embasado, didático, de fácil leitura e entendimento, além de cumprir com todos os requisitos que nós mesmos propomos. Obtivemos os resultados esperados e aprendemos muito com eles, o qual dará uma boa bagagem para a realização de forma presencial pós pandemia.

### 4. CONCLUSÕES

Após realizado e colocado em prática todos os estudos linguísticos, conclui-se que, de fato, conseguimos dar conta de questões importante, sobretudo a da possibilidade de estudar uma língua falada por uma comunidade, a partir da análise da fala de algumas pessoas.

Observamos através de análises o uso de variantes, a qual estabelece alguns limites de uma comunidade de fala, estudamos diferentes comunidades e suas comunicações. Entretanto, embora tenhamos respondido algumas questões, temos que reconhecer que elas foram através do nosso próprio ponto de vista. Definiu-se limites e métodos de trabalho. Entretanto, no que diz respeito ao funcionamento das línguas, ou seja, as relações entre o uso de variantes e fatores sociais, ainda existem muitas questões a serem respondidas. O projeto possibilitou discutir, propor e ilustrar

procedimentos metodológicos passíveis de empregarem análise da variação linguística e práticas sociais.

Por fim, após o feedback dos alunos e o conhecimento adquirido através do trabalho, concluímos que as variações linguísticas são um instrumento de identidade de um povo e precisa ser mantido vivo pois isso é também uma maneira de manter a cultura viva. A semente foi plantada e certamente eles terão outros olhos quando se depararem com tal assunto.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**, São Paulo, Parábola Editorial, 2012. (p.478)
- BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002b, p. 134
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Editora Loyola, 48ª e 49ª edição, 2007
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Sociolinguística: uma entrevista com William Labov**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_9\\_entrevista\\_labov.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf)